

REMÉDIO ANTI-RECESSÃO 05 FEV 2009 JORNAL DO BRASIL

Governo precisará de agilidade nos projetos

Injeção é importante, mas não basta, dizem especialistas

Gabriel Costa

O aumento no volume de recursos destinados ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) é importante para sustentar a atividade econômica do país frente à desaceleração global. Especialistas alertam, no entanto, que o desafio enfrentado pelo governo é fazer com que os investimentos resultem na execução efetiva dos projetos propostos, uma vez que entraves burocráticos e regulações ambientais atrasam o desenvolvimento do programa.

— É uma ajuda, mas o aumento nos investimentos não é suficiente para que o dinheiro chegue na obra — avalia o economista Raul Velloso, ex-secretário de Assuntos Econômicos do Ministério do Planejamento.

Velloso ressalta que os novos investimentos ainda são “intenções”, e acredita que o mais apropriado seria que os recursos necessários viessem de cortes nos gastos correntes. Entretanto, o economista afirma que não vê essa tendência e que, se os gastos continuarem a aumentar, os investimentos sairão prejudicados.

O presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção Pesada (Sinicon), Luiz Fernando dos Santos Reis, também expressa

preocupação quanto ao financiamento dos investimentos.

— Eu não sei como o governo vai arranjar recursos dentro da atual conjuntura. Aparentemente, o volume autorizado está disponível, mas o problema mais sério é o gerenciamento desses recursos — diz Reis.

Segundo o governo, no entanto, cerca de 90% dos R\$ 142,1 bilhões de reforço no PAC até 2010 equivalem a investimentos e obras já conhecidas que não faziam parte do programa. Entre os projetos incluídos estão os investimentos de R\$ 112 bilhões anunciados pela Petrobras na semana passada, a construção do trem de alta velocidade que ligará São Paulo ao Rio de Janeiro, estimada em R\$ 11 bilhões, e um programa de dragagem de portos no valor de R\$ 4 bilhões.

Máquina enferrujada

Para o professor Júlio Gomes de Almeida, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o aspecto do atraso no desenvolvimento dos projetos do PAC é compreensível, pois o setor público, segundo o economista, esteve “enferrujado” nos últimos anos.

— É como se o PAC estivesse dando um empurrão em uma lo-

comotiva que ficou parada muito tempo. E a economia está precisando muitíssimo desse empurrão para sustentar o fraco nível de atividade — diz Almeida.

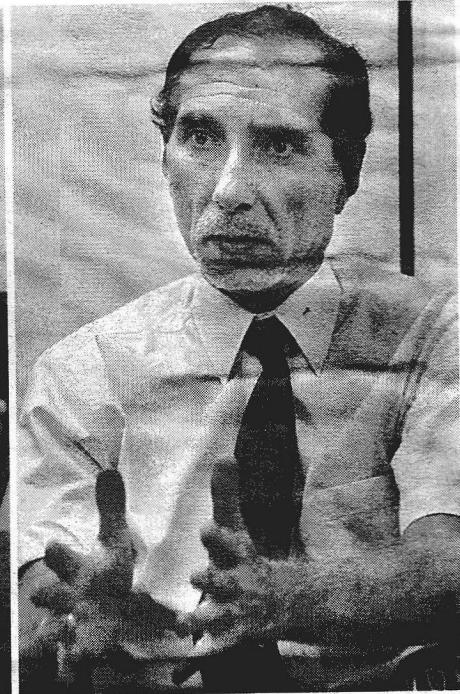
Ainda assim, o economista ressalta a necessidade de antecipar os gastos e agilizar a execução dos projetos.

— O governo tem os recursos para ampliar os investimentos, eles estão garantidos. Mas é preciso agilidade — alerta o professor, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda.

Raul Velloso evita citar causas pontuais para a lentidão no avanço dos projetos, mas aponta elementos comuns à maioria dos casos.

— Não dá para falar de forma geral, mas faltam projetos, e há uma ingerência excessiva do Tribunal de Contas da União sobre o programa — diz o economista.

O presidente do Sinicon concorda, e acrescenta a Controladoria-Geral da União (CGU), a Advocacia-Geral da União (AGU) e embargos ambientais à equação que resulta no atraso do PAC. Reis também recorre à metáfora de uma máquina em referência ao setor público, mas, diferente de Almeida, não a define como enferrujada, e sim como complicada e morsa.



PLANO — Raul Velloso (esquerda) critica burocracia; Gomes de Almeida reafirma importância de investimentos